

JOSÉ SARAMAGO: UMA “NOVA TEOLOGIA”

Ana Paula Carraro Borges¹

Uma breve leitura, mesmo que superficial, em grande parte da obra do escritor José Saramago permite-nos constatar um enfoque, quase sempre presente, na temática religiosa. Marcado pela ironia e crítica que lhe são características, Saramago revela, por meio das palavras do narrador de *O ano da morte de Ricardo Reis*, aquilo que se tornou objeto de estudo deste trabalho: “[é] urgente rasgar ou dar sumiço à teologia velha e fazer uma nova teologia, toda ao contrário da outra”.²

Apesar da temática religiosa estar fortemente presente em sua obra, o autor diz em uma de suas entrevistas que não escreve sobre Deus, mas sobre a sua influência dele na vida das pessoas:

Não escrevo sobre Deus, escrevo sobre os homens que crêem em Deus, o que é bastante diferente. Os livros que escrevo em que se fala de Deus ou da Igreja não são conseqüências de um problema que eu tenha tido com a Igreja, uma crise, nada disso. Sou alguém que nunca passou pela Igreja.³

A partir da observação de uma constante intertextualidade da obra saramaguiana com a Bíblia e a tradição cristã, analisamos neste trabalho: a velha teologia *versus* a “nova teologia”, ou seja, um estudo de algumas obras de José Saramago, confrontando-as com o que prega a Bíblia. Para tal delimitamos a peça *A segunda vida de Francisco de Assis* e o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa.

² SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994a. p. 65.

³ SARAMAGO, José. Entrevista concedida à revista *Playboy*, [s.n.t], p. 51, outubro de 1998.

Em *A segunda vida de Francisco de Assis*, José Saramago resgata uma das figuras que, depois de Jesus Cristo, destaca-se consideravelmente entre os católicos. O autor utiliza-se de personagens e de situações que aconteceram de fato na vida de Francisco de Assis empregando-as, entretanto, de forma irônica. Saramago parece propor, assim, uma nova leitura e reflexão da vida do santo construindo uma “teologia” totalmente inovadora.

Na peça, Francisco retorna à vida na atualidade, após um longo período depois de sua morte e encontra a Ordem transformada em uma Companhia com ideais contrários ao carisma da fraternidade por ele fundada.

O autor resgata interessantes características biográficas do santo, entre elas o relacionamento conturbado com o pai, Pedro Bernadone, que, por causa dos ideais de pobreza do filho, rompeu com os laços existentes entre eles. Contrapondo-se ao ódio exacerbado entre Francisco e Pedro, Saramago introduz na peça um detalhe que suaviza o clima de tensão na Companhia: o romance entre o santo e Clara de Assis, sua discípula que, segundo os biógrafos, após professar os votos, viveu em contemplação e oração até sua morte alguns anos depois do falecimento de Francisco. A Clara de Saramago apresenta características bem diferentes de uma monja enclausurada. Ela é secretária da Companhia.

Ao promover o reencontro entre Clara e Francisco, Saramago acentua em torno deles a existência de um forte sentimento amoroso:

Francisco: (...) Ainda não respondeste à minha pergunta.

Clara: Qual?

Francisco: Se ficarás do meu lado.

Clara: Ficarei do teu lado, ao teu lado, foi sempre aí que estive, mesmo quando não sabia de ti. Por favor, por favor, diz o meu nome.

Francisco: Clara. (*As luzes baixam enquanto se aproximam um do outro. Escuridão quando vão se tocar*)⁴.

⁴ SARAMAGO, José. *A Segunda vida de Francisco de Assis*. Lisboa: Caminho, 1987. p.47-48

O autor parece questionar, por meio de Clara, a vida celibatária que os santos levaram e que, nos dias atuais, a Igreja orienta que os sacerdotes sigam. Nota-se, então, mais uma vez uma crítica à “velha teologia” que pede o celibato até hoje entre os consagrados.

Outro personagem recriado por Saramago, frei Elias, destaca-se por seus interesses em manter a Companhia rica, opondo-se ao ideal de vida franciscano. Trava-se uma luta entre Francisco e Elias pela direção da Companhia.

Elias, segundo biógrafos, é uma personalidade confusa entre os franciscanos. Inácio Larrañaga, em *O irmão de Assis*, evidencia isso:

Como pode ter escapado a um homem tão perspicaz como Francisco a verdadeira natureza da personalidade de Elias? O escritor fica com a tentação de pensar que Elias foi um perfeito político; um mestre da dissimulação, e que agiu sempre buscando a própria promoção. Mas isso seria entrar no terreno das intenções, o que não é permitido a nenhum mortal.⁵

Se Inácio Larrañaga resistiu à tentação de criar uma imagem de Elias como um perfeito político, Saramago não só deixou-se vencer pela tentação, como construiu seu personagem com características de alguém ambicioso e dissimulado, o que Larrañaga timidamente sugere. O autor português penetra no terreno das intenções e cria a sua versão de frei Elias como aquele que quer o enriquecimento da Companhia acima de tudo.

A biografia de frei Elias nos faz compreender um pouco o provável porquê de ele ser o escolhido para mudar os rumos da Companhia em *A segunda vida de Francisco de Assis*. Saramago escolhe para presidente da Companhia não somente aquele que fora um dia ministro geral da Ordem franciscana, mas aquele que cometeu apostasia, ou seja, abandonou sua crença. Note que o autor escolhe um apóstata, um excomungado para introduzir uma “nova teologia”,

⁵ LARRAÑAGA, Inácio. *O irmão de Assis*. 10.ed. São Paulo: Paulinas, 1998. p.282

evidenciando mais uma vez a necessidade de romper, abandonar, “rasgar”, “dar sumiço à velha teologia” para a construção de outra toda ao contrário. O ponto alto dessa inversão é quando o Francisco de Saramago muda completamente seus conceitos e decide lutar contra a pobreza.

Depois de lutar para destruir a Companhia que se tornara rica, tentar voltar ao antigo ideal de pobreza, Francisco é desesperançado pelo pobre a quem havia dedicado toda sua vida. A decisão do Francisco de Saramago surpreende a todos que conhecem um pouco da biografia do santo. A partir de então ele lutará contra a pobreza:

Francisco: Vou fazer-te a vontade, Elias. Vou-me embora.

Elias: Vais tentar reunir forças contra nós? Talvez ainda consigas convencer Pedro e os pobres.

Francisco: Não o tentarei.

Elias: Então?

Francisco: Agora vou lutar contra a pobreza. É a pobreza que deve ser eliminada do mundo. A pobreza não é santa. *(Pausa.)* Tantos séculos para compreender isto. Pobre Francisco. *(Para os outros.)* Algum de vós quer vir comigo? Tomarei o nome de João, que é o meu nome verdadeiro. Se vou para outra vida, outro homem serei. Alguém me acompanha? Clara?

Clara: Eu vou. Como poderia não ir?

Leão: E eu.

Junípero: E eu.

(Afastam-se para a porta. Quando passa diante da mãe, Francisco olha-a sem dizer uma palavra. Ela olha-o também. Saem.)

Elias: *(Pausa)* Nós continuamos. O segundo ponto da ordem dos trabalhos é a nomeação de um novo director-geral. Proponho que para o cargo seja designada a viúva do nosso querido Pedro, refiro-me ao outro, evidentemente. São muitas as razões que justificam a escolha... *(Pica levanta-se.)* tanto de ordem objectiva como subcjetiva... *(Pica encaminha-se para a porta.)* Aonde vais?

Pica: Vou ajudar João a escrever a sua primeira página⁶.

Ao colocar Francisco contra a pobreza, Saramago parece permitir que ele reconstrua sua vida. “Rasgando” sua história, ele assume o que seria sua real identidade. Não há mais o Francisco conhecido e venerado pelos católicos, mas um João, um “João qualquer”, comum e

⁶ SARAMAGO, 1987, p.131-132.

normal. Alguém que, como a maioria da sociedade, quer uma vida diferente daquela que os pobres levam, já que pobreza não santificaria ninguém.

Acompanhado de Clara, a companheira, da mãe e de seus amigos, com outro nome, Francisco inicia uma nova vida, “toda ao contrário da outra”...

Se *A segunda vida de Francisco de Assis* pode ser considerada uma ruptura com a “velha” teologia, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* seria, então, a consolidação de uma “nova teologia, toda ao contrário da outra”. Apropriando-se dos textos bíblicos, invertendo seus significados o autor constrói, ao longo da narrativa, a vida de um outro Jesus bem mais próxima da realidade humana.

A ironia e criatividade do narrador permitem que o autor crie um “novo Jesus”. Embora Teresa Cristina C. da Silva afirmar que em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* não estamos diante de um tratado de teologia⁷, e de o próprio Saramago dizer que não é teólogo, como também não foram Mateus, Marcos, Lucas e João, e sim autores de Evangelhos⁸, se nos atentarmos para o sentido da palavra teologia – estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade e de suas relações com os homens – veremos que, embora não faça análises sobre Deus, Saramago se preocupa, principalmente em seu *Evangelho*, em focar as relações entre o humano e o divino.

A postura de Saramago permite-nos perceber que, na busca de recuperar o homem, ele une sagrado e profano, ficção e realidade. Muito mais que discutir a existência de Deus, o autor parece querer mostrar a influência do divino na humanidade. Em entrevista a José Carlos Vasconcelos, do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Saramago mostra que, embora ateu confesso,

⁷ Cf. SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *O Evangelho segundo Jesus Cristo* ou a consagração do sacrilégio. In: *Cadernos CESPUC de pesquisa*, série ensaios, Belo Horizonte, n. 4, , p. 51, janeiro de 1999.

⁸Cf. SARAMAGO *apud* PLAYBOY, 1998, p.52.

não ignora a influência da religião na vida das pessoas: “Eu vivo nesta sociedade: portanto, ateu, comunista e tudo isso, não me retira o direito de questionar ou de estudar uma figura que é decisiva, é a figura fundamental na civilização em que eu vivo”.⁹

O narrador, ou o “novo evangelista”, constrói todo seu texto embasado nas outras versões dos Evangelhos, ora invertendo, ora ironizando, ora dando novo significado às passagens bíblicas. O autor realiza, assim, uma mistura entre a ficção e a realidade.

No processo de dessacralização e construção de uma “nova teologia”, Saramago inverte milagres atribuídos a Jesus e reconstrói muitas personagens. Para o Catecismo da Igreja Católica, os milagres ou sinais de Jesus fortificavam a fé do povo. “Convidam a crer nele. Aos que a ele se dirigem com fé, concede o que pedem. assim, os milagres fortificam a fé naquele que realiza as obras de seu Pai, testemunham que Ele é o Filho de Deus”.¹⁰ Ao desconstruir os milagres, o narrador aproxima Jesus ainda mais da humanidade, tornando-o mais humano que divino. O humano *versus* o divino é evidenciado na crucificação de Jesus:

Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe a lembrança o rio de sangue e

⁹ VASCONCELOS, José Carlos. José Saramago: “Deus é o mau da fita”. In: *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, , p. 10, 5.11.1991.

¹⁰ CATECISMO da Igreja Católica. Edição Típica Vaticana. São Paul: Loyola, 1999, p. 155.

sofrimento que do seu lado irá nascer e alargar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez.¹¹

A temática religiosa na obra de José Saramago reforça uma crítica sobre a influência da religião em toda a sociedade e a necessidade humana de se “criar deuses”, como se afirmava em *O ano da morte de Ricardo Reis*: “(...) por estas e outras é que quem não tem Deus procura deuses, quem deuses abandonou a Deus inventa, um dia nos livraremos deste e daqueles (...)”.¹²

A inversão em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* seria a estratégia de Deus para que seus objetivos não fossem alterados. Contrário ao que esperava Jesus, ele não morre como um homem qualquer, mas como o Filho de Deus. Diante disso, resta-lhe pedir a humanidade perdão por aquilo que o Pai fez, ou seja, a criação do Cristianismo.

Analisando *A segunda vida de Francisco de Assis* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo* percebemos como autor questiona a “velha teologia”. Curioso é que apesar de propor “rasgar ou dar sumiço à teologia velha e fazer uma nova teologia, toda ao contrário da outra”¹³, é na “velha teologia” que o autor baseia-se para a construção da nova.

Diante d’*O Evangelho segundo Jesus Cristo* podemos questionar e refletir muitos aspectos da religião como um todo. Entretanto, muito mais que discutir sobre as crenças religiosas, Saramago parece querer despertar o leitor para uma nova consciência, ou uma “nova teologia”, em que não haja uma visão alienada, dogmática e limitada das relações entre o humano e o divino. Isso é comprovado quando o autor não cria, mas recria os personagens dando-lhes uma “nova oportunidade” ou um novo sentido. Note, portanto, que não se trata de um autor que

¹¹ SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994b. p. 444.

¹¹ SARAMAGO, 1994a, p. 73.

¹² SARAMAGO, 1994a, p. 73.

¹³ SARAMAGO, 1994a, p. 65.

simplesmente rebela-se contra Deus e por isso resolve escrever coisas contra a existência divina, mas alguém que quer, por meio da crença religiosa, construir uma proposta reflexiva num mundo tradicionalmente religioso.

Não podemos ignorar que, sendo ateu, a visão de Saramago sobre Deus jamais será algo próximo às crenças religiosas. Contudo, pareceu-nos que o autor procurou muito mais que criticar a religião, usar dela como instrumento de reflexões. Seja escrevendo um Evangelho, seja recriando a vida de São Francisco, Saramago nos convida a um diálogo entre a fé e a razão. Resta-nos aceitá-lo ou não.